



CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CECÍLIA RIBEIRO DOS SANTOS

**O MOVIMENTO *REDPILL* E A MISOGINIA: UMA PERSPECTIVA
PSICANALÍTICA**

FORTALEZA

2023

CECÍLIA RIBEIRO DOS SANTOS

**O MOVIMENTO *REDPILL* E A MISOGINIA: UMA PERSPECTIVA
PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Psicologia pela Faculdade Ari de
Sá.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Renata Carvalho
Campos.

Aprovado(a) em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Renata Carvalho Campos
Faculdade Ari de Sá

Prof. Dr. Carlos Eduardo Esmeraldo Filho
Faculdade Ari de Sá

Prof. Dr. Henrique Riedel Nunes
Centro Universitário Inta - UNINTA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Faculdade Ari de Sá
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237o Santos, Cecília Ribeiro dos.

O movimento redpill e a misoginia: uma perspectiva psicanalítica / Cecília Ribeiro dos Santos. – 2023.
26 f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Ari de Sá, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Renata Carvalho Campos.

1. Masculinismo. 2. Redpill. 3. Misoginia. 4. Psicanálise. I. Título.

CDD 150

O MOVIMENTO *REDPILL* E A MISOGINIA: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Cecília Ribeiro dos Santos
Renata Carvalho Campos

RESUMO

A presente pesquisa visa compreender a misoginia evidenciada a partir do movimento *redpill* sob uma perspectiva psicanalítica. Para isso, utiliza-se da teoria freudiana da castração e pulsão de morte. Tendo em vista isso, faz-se uso de textos clássicos de Sigmund Freud que abordam tais teorias, bem como de contribuições de Jacques Lacan e autores contemporâneos. Por meio do estudo, compreende-se que o ideal masculino de virilidade, dominação e opressão, apresenta-se como um ideal em estado de decadência. Essa dissolução do homem viril acaba por gerar um abalo identitário aos homens que, diante das transformações em que a mulher tem ganhado progressivo espaço em diferentes contextos sociais, percebem a castração de maneira mais contundente, denunciando a ausência do falo. Dessa forma, as práticas misóginas do movimento *redpill* se configuram como uma expressão da pulsão de morte, que se desdobra através do ódio ao feminino, o qual implica tentativas extremistas de substituir o falo perdido e contornar a castração que se apresenta como real.

Palavras-chave: Masculinismo. *Redpill*. Misoginia. Psicanálise.

ABSTRACT

This research aims to understand the misogyny evidenced from the *redpill* movement from a psychoanalytic perspective. Thereunto, the Freudian theory of castration and the death drive is used. In view of this, classic texts by Sigmund Freud that address such theories are used, as well as contributions by Jacques Lacan and contemporary authors. Through this study, it is understood that the masculine ideal of virility, domination and oppression, presents itself as an ideal in a state of decadence. This dissolution of the virile man ends up generating an identity shock for men who, faced with the transformations in which women have progressively gained space in different social contexts, perceive castration in a more forceful way, denouncing the absence of the phallus. In this way, the misogynistic practices of the *redpill* movement are configured as an expression of the death drive, which unfolds through hatred of the feminine, which implies extremist attempts to replace the lost phallus and circumvent the castration that presents itself as real.

Keywords: Masculinism. *Redpill*. Misogyny. Psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

O movimento *redpill* vem apresentando um aumento expressivo em sua disseminação nos ciberespaços, encontrando forte relação com os discursos de extrema direita que se fizeram mais presentes no Brasil nos últimos anos (Aguilar, 2023). Este movimento faz parte do masculinismo, uma ideologia que defende os direitos dos homens em detrimento do avanço das mulheres e de outras minorias (Aronovich, 2014).

O termo “*redpill*” baseia-se no filme *Matrix* (1999) e faz referência a ingerir a pílula vermelha, que significa escolher ver a realidade por trás de um mundo de ilusões. Os adeptos do movimento *redpill* acreditam que despertaram para a realidade, visto que, para estes, essa realidade é que as mulheres são manipuladoras, oportunistas e não confiáveis (Aronovich, 2014; Serafini, 2023).

Pelo exposto, compreendemos que a ideologia masculinista é caracterizada por práticas misóginas que se expressam em diferentes formas de violência a tudo aquilo que representa uma lógica discrepante à lógica hetero-cis-normativa. Diante disso, faz-se necessário trazer uma explanação sobre o conceito de misoginia. O termo misoginia é de origem grega, formado pelo termo “*miseo*”, que significa odiar, e “*gyne*”, que traduzindo seria o equivalente a mulher; sendo assim, refere a atitudes de ódio, desprezo e aversão dos homens pelas mulheres (Bosch; Ferrer; Gili, 1999).

A misoginia, entendida como sendo o ódio e medo às mulheres, é um fenômeno que possui longas raízes na maneira como a cultura ocidental está estruturada, estando tão enraizada na estrutura social que, corriqueiramente, é vista como apenas um fato cotidiano, deixando em segundo plano o seu lugar como um conceito psicossocial merecedor de análise e desconstrução (Anderson, 1999).

Os estereótipos que contribuem para a difamação da mulher se fazem como os padrões que se apresentam tanto na alta cultura como no saber popular. E isso se reproduz e perpetua através de crenças que colocam a mulher nesse lugar de subalternidade: a crença de que as mulheres são inferiores e que, portanto, precisam ser controladas pelos homens; de que trazem o demônio ao mundo e que são as responsáveis pelo sofrimento da humanidade; de que são, naturalmente, frívolas e indignas de confiança. São crenças que existiram por muito tempo, e que, dada a sua persistência na atualidade, torna-se uma tarefa urgente entender como aparecem, funcionam e se perpetuam em sociedade (Anderson, 1999).

Diante disso, compreendemos que a misoginia é, em suma, uma forma de violência regada pelo ódio e desprezo às mulheres e ao feminino. Discorrendo sobre o patriarcado e sua

forma de dominação-exploração sobre a mulher por meio da violência, Saffioti (2001) afirma o seguinte:

Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social **homens** exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência (Saffioti, 2001, p. 115).

Sendo assim, é possível afirmar que a violência contra a mulher é uma ferramenta dessa relação de dominação-exploração dos homens para com as mulheres, conforme o que a autora coloca. Depreendemos também que, uma vez que ao exercício da função patriarcal é permitido punir tudo aquilo que for desviante da norma, a violência advinda da categoria social homens é direcionada não somente às mulheres, mas também àquilo que distoa do padrão hétero-cisgênero, como a própria população LGBTQIA+, uma vez que a masculinidade está pautada na “[...] instrumentalização da força física, da potência sexual, da misoginia, da dominação das mulheres e da LGBTQIAfobia” (Silva, 2023, p. 49).

Em um outro estudo no qual discorre sobre a violência contra a mulher, Saffioti (2015) afirma que, tendo em vista a dominação patriarcal, as mulheres estão acostumadas a estar num lugar de impotência frente ao poder; enquanto que, do contrário, os homens não estão familiarizados com esse lugar, acreditando, portanto, que os homens recorrem à violência quando se encontram sob o efeito da impotência. Tal entendimento parece auxiliar na compreensão das práticas misóginas de movimentos masculinistas, uma vez que, pautado na lógica patriarcal, o masculinismo dispõe da violência como uma resposta reacionária frente às transformações sociais que dão espaço àqueles que destoam da norma.

Desta forma, a pesquisa visa compreender, sob uma perspectiva psicanalítica, o fenômeno da violência misógina evidenciado a partir do movimento *redpill*. Pelo exposto, buscará responder ao problema sobre como a psicanálise pode compreender as práticas misóginas que atravessam o movimento *redpill*. Para isso, temos como objetivos a serem alcançados: descrever as principais características e crenças do movimento *redpill*, e apresentar uma perspectiva psicanalítica da violência misógina a partir desse movimento.

Compreendemos, então, que a misoginia se faz como uma forma de perpetuar a violência contra as mulheres. Tal afirmação se sustenta pois, conforme aponta Silva (2023), a misoginia é responsável pelo surgimento de diferentes problemas sociais, como o abuso

sexual, a inferiorização e discriminação contra a mulher. Se é a partir da misoginia que esses problemas sociais se sustentam e reproduzem; vale, portanto, dizer que essas práticas de violência se configuram como sendo o que, neste estudo, chamaremos recorrentemente de violência misógina: por suas práticas implicarem no ódio e aversão às mulheres.

Conforme evidencia o levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), a violência contra a mulher vem crescendo e afetando negativamente muitas mulheres no Brasil. De acordo com o exposto nesse levantamento, as práticas de violência contra a mulher acontecem em diferentes espaços e sob diferentes circunstâncias, de modo que as mulheres não estão seguras em lugar nenhum, e ainda menos seguras dentro de seus lares, pois é onde a violência majoritariamente se apresenta. Ressaltamos, também, que no Brasil acontecem cerca de 822 mil estupros por ano, o equivalente a dois por minuto, em que as vítimas são, em sua maioria, meninas menores de idade (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023). Em virtude do exposto, torna-se de suma relevância realizar uma pesquisa que vise compreender, por um viés crítico, um movimento que prega o ódio contra mulheres no tocante a um país de cultura significativamente machista e patriarcal.

Acrescentando a isso, tem-se a necessidade de produzir estudos sobre este movimento, uma vez que, embora existam algumas produções científicas que se referem aos movimentos masculinistas, existe reduzida literatura sobre a relação desses movimentos com a violência de gênero por uma perspectiva psicanalítica. A exemplo desses estudos psicanalíticos, têm-se os trabalhos acadêmicos de Braga (2021) e Batista (2022), em que ambas discutem a questão da violência de gênero atrelada às ideologias de grupos masculinistas, os quais sustentam-se no ideal de masculinidades historicamente opressoras.

2. METODOLOGIA

Em se tratando de uma pesquisa que leva em consideração as possíveis perspectivas da psicanálise a respeito do fenômeno da misoginia atrelada ao movimento *redpill*, faz-se necessário caracterizá-la como uma pesquisa que, para além dos métodos científicos tradicionais, configura-se como um método de pesquisa psicanalítico. Conforme argumenta Elia (2000), as pesquisas psicanalíticas se configuram como pesquisas clínicas, uma vez que o modo pelo qual o saber que será produzido obedecerá a lógica do saber inconsciente, visto que o pesquisador ocupa uma posição de trabalho que se faz como secundária frente ao discurso do saber a ser estudado, posição essa que compreendemos como sendo o “lugar do Outro” no discurso (Elia, 2000). Detalhando esse pensamento, o autor afirma que:

Toda e qualquer pesquisa em psicanálise é, assim, necessariamente uma pesquisa clínica, não tanto pelo fato de utilizar como "campo" – campo da pesquisa dita "de campo" – um espaço terapêutico – consultório, ambulatório, hospital ou outro –, modo como normalmente se concebe o caráter indicado pelo atributo "clínico" dado a uma pesquisa. Em psicanálise não há, a rigor, "pesquisa de campo", formulação que pressupõe a existência de outras modalidades de pesquisa, que justamente não seriam "de campo", e sim "teóricas", por exemplo, como se costuma dizer. Na psicanálise, há, isto sim, um "campo de pesquisa", que é o inconsciente, e que inclui o sujeito. Por isso, a clínica, como forma de acesso ao sujeito do inconsciente, é sempre o campo da pesquisa (Elia, 2000, p. 23).

Portanto, o caráter clínico, como sendo a forma de acessar o campo da pesquisa, que é o inconsciente, faz-se presente em toda e qualquer pesquisa psicanalítica, sob a compreensão de que a pesquisa em psicanálise implica que o pesquisador-analista desenvolva sua pesquisa a partir de um lugar que se define, pela organização do dispositivo psicanalítico, como o lugar do analista: que pressupõe um lugar de escuta e, ainda mais predominantemente, um lugar de causa para o sujeito (Elia, 2000).

Outrossim, refere-se a um estudo de metodologia narrativa. As revisões bibliográficas narrativas se fazem como uma análise da literatura que se propõe apresentar uma síntese narrativa e compreensiva das informações já publicadas, sendo muito utilizada em diferentes temáticas e campos de conhecimentos distintos (Flor *et al.*, 2021). No tocante a sua estrutura, as pesquisas de revisões narrativas frequentemente abordam a temática por meio da divisão de tópicos, adotando uma perspectiva mais ampla, com menor grau de especificidade, e podendo se dar através da análise de livros, revistas e artigos, tendo como fator característico a interpretação do autor, configurando assim, como uma metodologia de

pesquisa subjetiva, uma vez que considera as experiências e vivências do pesquisador (Flor *et al.*, 2021).

Concomitantemente, o estudo proposto define-se como sendo de caráter exploratório, por objetivar uma aproximação com a temática e, a partir disso, levantar possíveis compreensões, na perspectiva da psicanálise, a respeito do movimento *redpill* e das práticas misóginas que o atravessam. De acordo com Gil (2002), as pesquisas exploratórias visam proporcionar uma maior familiaridade com o problema de pesquisa, estimando tornar esse problema mais explícito ou a construir possíveis hipóteses, tendo como principal objetivo aprimorar ideias e descobrir intuições. Possui uma forma de planejamento bastante flexível, uma vez que permite ao pesquisador considerar os mais diversos aspectos que podem vir a ser relacionados com a temática de pesquisa, assumindo, com predominância, a forma de pesquisa do estudo de caso e a própria pesquisa bibliográfica (Gil, 2002).

No que se refere ao material de embasamento teórico para análise e argumentação, este foi constituído a partir dos estudos de materiais relacionados à temática da violência, em especial a de gênero, a partir de uma perspectiva psicanalítica, fazendo uso de livros, artigos, dissertações ou teses, e também da pesquisa de informações referentes a conteúdos atrelados à temática. Tendo em vista o exposto, a escolha da metodologia de pesquisa se justifica pois pretendeu-se alcançar, a partir de uma aproximação teórica com o fenômeno, possíveis compreensões psicanalíticas a respeito do objeto de estudo e seus atravessamentos misóginos.

Nesse sentido, para que fosse possível formular uma compreensão psicanalítica acerca do fenômeno da misoginia a partir do movimento *redpill*, a temática foi analisada a partir da teoria freudiana da castração simbólica e pulsão de morte. Para tal, utilizamos de textos clássicos de Sigmund Freud que abordam as teorias supracitadas, e também de contribuições da teoria de Jacques Lacan e autores contemporâneos. Esse recorte teórico se faz necessário sob a justificativa de que a psicanálise é constituída por diversas perspectivas e posicionamentos, os quais seriam impossíveis de abordar em sua completude, sendo assim necessária esta delimitação para embasamento teórico e desenvolvimento de formulações a partir da análise proposta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. O MOVIMENTO *REDPILL* E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E CRENÇAS

Conforme aponta a professora universitária e feminista, Lola Aronovich (2014), o movimento *redpill* se faz como um subgrupo de um movimento maior, o masculinismo, o qual representa a luta pelos direitos dos homens. Grupos masculinistas acreditam que a progressiva ascensão social da mulher, bem como de outras minorias não heteronormativas, representa uma ameaça aos homens e ao papel de gênero que fora atribuído a eles conforme a cultura patriarcal vigente (Aronovich, 2014).

O termo *redpill* faz referência ao filme *Matrix* (1999), no qual o protagonista Neo, em determinado momento, tem de escolher entre tomar a pílula vermelha ou a pílula azul. A pílula azul o faria permanecer vivendo no mundo de ilusões do qual despertou, preso na *matrix*; por outro lado, a pílula vermelha o possibilitaria despertar para a realidade. Dessa forma o movimento *redpill* apropriou-se do termo e estabeleceu um viés misógino ao seu significado, de modo que faz menção aos homens que despertaram para a realidade ao perceberem o quanto as mulheres são aproveitadoras, manipuladoras, não confiáveis, dentre outras suposições de caráter misógino compartilhadas pelos adeptos desse movimento.

Os discursos falam, a princípio, sobre empoderamento masculino. No entanto, analisando um pouco mais de perto, percebe-se a violência misógina velada por trás de seus posicionamentos (Serafini, 2023). Um ponto relevante a ser abordado é que, no que diz respeito aos *redpills*, a prática misógina acontece de forma organizada entre seus adeptos. Corroborando isso, Aronovich, sendo uma referência no estudo a respeito de grupos masculinistas, afirma o seguinte:

O mais importante para entender é que, quando falamos em *redpill*, não é um ou outro machista genérico. São grupos organizados que agem, muitas vezes, para destruir vidas de mulheres, seja cometendo massacres, seja alvejando ativistas feministas, seja espalhando todo tipo de preconceito, principalmente contra mães solo, gordas e mulheres negras (*apud* Aguiar, 2023).

Ainda no que concerne a esse movimento, tem-se alguns *coaches* de empoderamento masculino, dispostos a ensinar os homens betas – que seriam os que tomaram a pílula vermelha, todavia ainda não são empoderados o bastante – a tornaram-se homens alfas, que

seriam os que já alcançaram esse empoderamento e, portanto, estão assegurados de que não serão vítimas das mulheres. Dessa forma, tem-se não apenas a reprodução da misoginia nos meios de comunicação, mas também sua capitalização, tornando o ódio ao feminino um instrumento de gozo.

No intuito de postular uma exemplificação a respeito de como esses grupos se organizam nos ciberespaços, trazemos as contribuições e os relatos da então supracitada Lola Aronovich, por se dispor a estudar grupos masculinistas há 15 anos. O seu esforço e resistência em denunciar as diversas ameaças sofridas pelos adeptos destes grupos culminaram na sanção da lei nº 13.642/18, denominada em sua homenagem de Lei Lola, sendo a primeira lei brasileira que criminaliza casos de misoginia na *internet* (Aronovich, 2022).

Em um relato de experiência publicado em periódico científico, Aronovich (2022) descreve detalhadamente os desafios que enfrentou desde a criação do seu *blog* feminista denominado “Escreva Lola Escreva”, no qual se debruça a expôr as ideologias compartilhadas por grupos masculinistas, bem como o extremismo violento presente em seus discursos de ódio contra mulheres. No texto, a autora ressalta que, conforme investigava esses grupos, a ideia de que masculinistas são apenas homens “fracassados e inofensivos” não perdurou por muito tempo (Aronovich, 2022).

Exemplificando a nocividade que esse movimento representa, cita o caso ocorrido em 7 de abril de 2011, em que Wellington Menezes de Oliveira, em seus 23 anos de idade, invadiu uma escola pública no subúrbio do Estado do Rio de Janeiro, em Realengo, e assassinou a tiros dez meninas e dois meninos, deixando outras 22 vítimas feridas, e atirando na própria cabeça após ser alvejado na perna por um policial. A mídia não se atentou para o caráter explícito de crime de ódio presente no massacre; uma vez dada a discrepância do número de vítimas meninas em comparação aos meninos. Todavia, a autora afirma que o executor desse crime era um adepto do masculinismo, uma vez que “[...] frequentava *blogs* e fóruns masculinistas, usava a mesma linguagem, e conversava com eles” (Aronovich, 2022, p. 6); afirmando ainda que “[...] antes de cometer o que ficou conhecido como o massacre de Realengo, ele deixou alguns vídeos em que se dizia virgem e chamava as meninas de ‘seres impuros’” (Aronovich, 2022, p. 6).

Dito isto, podemos perceber que os discursos misóginos, que ocupam forte espaço *on-line* entre os adeptos desse movimento, podem tomar um nível significativo de violência. O então denunciado e extinto *blog* “Silvio Koerich” era um exemplo dos diversos *sites*, fóruns, *chans* e outros meios de comunicação *on-line* em que masculinistas socializam e

reproduzem o discurso de ódio, e que ressurgiu com mais força após o episódio do massacre de Realengo, conforme aponta Aronovich (2022), acrescentando que o referido *blog*:

[...] passou a exibir imagens explícitas de mulheres e meninas (e também animais) sendo torturadas, estupradas e mortas (o que se costuma chamar de *gore*), e textos igualmente escabrosos que defendiam a legalização do estupro, principalmente do estupro corretivo para lésbicas, o assassinato de mulheres, negros e gays, e a legalização da pedofilia. Havia várias ameaças, acima de tudo contra o deputado federal Jean Wyllys (PSol-RJ), em seu primeiro mandato, e contra mim. Havia também promessas de recompensas para quem nos matasse. No meu caso, as ameaças não ficavam restritas à minha morte: “Pago 5 mil reais via *paypal* para quem conseguir montar na lolaescreva como se fosse um touro de rodeio, filmar o ato e botar no *YouTube* (sic)”, escreveu um usuário chamado Kyo (Aronovich, 2022, p. 6).

Em nota de rodapé, a autora acrescenta e explica que o termo “touro de rodeio” foi utilizado fazendo referência a outro episódio, também de caráter misógino e especificamente gordofóbico, o “rodeio das gordas” (Aronovich, 2022). O “rodeio das gordas” foi um episódio que aconteceu na Unesp, em 2010, na cidade de Araraquara, interior de São Paulo. Durante os jogos estudantis que aconteciam na universidade, alunos se aproximavam das garotas fingindo iniciar uma paquera, e logo depois as agarravam e derrubavam no chão, no intuito de montarem sobre elas. Os agressores que participaram do episódio se organizaram em uma comunidade no Orkut, onde sugeriam que os participantes cronometrassem o tempo, prometendo premiações para quem mantivesse a garota presa por um período de tempo mais elevado. O ato era acompanhado por gritos de “pula, gorda bandida!” (Tomaz, 2010).

Outrossim, a pesquisadora Silva (2023) discorre sobre o masculinismo e a misoginia a ele atrelada em sua tese de doutorado. Para tal, infiltrou-se em comunidades masculinistas, deparando-se com a misoginia escabrosa durante meses de pesquisa. Na tese, a autora evidencia que a violência é um ponto primordial para compreender o princípio da lógica masculinista (Silva, 2023).

Nesse sentido, aponta que a primeira forma de violência presente nessa lógica masculinista é a de cometer atentados – como massacres – e depois se auto violentar, como no caso do suicídio posterior aos atentados, acreditando que, assim, tornar-se-ão homens santos e mártires para os demais membros do grupo. Essa violência autoinfligida e contra um suposto inimigo em comum – mulheres principalmente, e todas as outras formas de existir que fogem do padrão heterossexual cisgênero – é uma forma de demonstrar a virilidade masculina, a sua potência, e de afirmar o pertencimento a um grupo. Dessa forma, compreende que o homem, ao buscar seu lugar de pertencimento no mundo, pratica a misoginia como um passaporte para alcançar a aceitação e socialização (Silva, 2023).

Trazendo um exemplo da misoginia presenciada de maneira *on-line* durante os meses de seu estudo, Silva (2023) destaca um trecho retirado de um *blog* masculinista, intitulado “Vida Ruim de Pobre”, no qual um de seus membros redige um comentário em que é possível perceber o ódio e repúdio às mulheres, tratando-as meramente como objetos, como respeitosa e citamos a seguir:

[...] eu uso a buceta delas como um escape temporário pois sei que elas não são namoráveis devido a idade, filhos, devido barrigas de catupiry, devido bucetas fedidas. Veja só, estou disposto sim a namorar uma mulher mediana. Mas não com 35 anos de idade. Mas não com um esperma catarrento imundo à tiracolos. Mas não com uma gorducha idiota (não sou gordo portanto posso exigir não gorda). É muito simples (Pobretão, 2015 *apud* Silva, 2023, p. 48).

De acordo com a autora, esse trecho “[...] apresenta traços altamente misóginos, gordofóbicos e um completo nojo das mulheres” (Silva, 2023, p. 48). Diante desse discurso, é possível inferir que, para os masculinistas, “[...] o feminino é visto como objeto inominável, que possui características vistas como abomináveis, capaz apenas de promover prazer e, claro, jamais se pensa se o outro corpo sente o mesmo prazer” (Silva, 2023).

Pelo exposto, entendemos que esses aspectos caracterizam os discursos masculinistas reproduzidos de maneira explícita e extremista e que, como exemplificamos anteriormente, não se mantém apenas no campo virtual. São discursos de ódio que implicam um alarmante grau de nocividade no campo físico, e que já se mostrou capaz de incitar ameaças de morte e organizar massacres contra a existência das mulheres.

Em decorrência dos fatos supracitados, é notável o quanto os discursos reproduzidos pelos *redpills*, sobre as mulheres serem não confiáveis, manipuladoras e supostamente ameaçarem a existência dos homens, é um discurso que não se sustenta na realidade. Diante disso, Saffioti (2001) vem postular que, embora uma mulher, em determinado momento, chegue a cometer violência física contra algum homem de seu convívio, esta seria uma situação inusitada. As mulheres têm, na verdade, encontrado diversas maneiras significativas de resistência contra a relação de dominação-exploração dos homens, a qual é legitimada pela estrutura patriarcal vigente na sociedade brasileira, principalmente, e nas demais sociedades de modo geral (Saffioti, 2001).

Portanto, essa narrativa de que os homens são as grandes vítimas das relações de gênero, é uma narrativa falaciosa e equivocada (Burigo *apud* Paludo, 2023). Consoante a isso, Aronovich (2022) afirma que a narrativa se dissipa quando paramos para observar qualquer página de comunicação na *web* associada aos masculinistas, pois logo percebemos que esses

grupos “[...] não defendem direito algum, a não ser o de atacar e ameaçar mulheres em geral e feministas em particular” (Aronovich, 2022, p. 4). Mais ainda, a ideia de que as mulheres se apresentam como uma ameaça aos homens e que, na verdade, são elas as grandes vilãs da história da humanidade, perde completo sentido quando entendemos que “[...] as mulheres como categoria social não têm, contudo, um projeto de dominação-exploração dos homens. E isto faz uma gigantesca diferença” (Saffioti, 2001, p. 116).

3.2. A DISSOLUÇÃO DO HOMEM VIRIL E A CASTRAÇÃO

O pressuposto que sustenta esse estudo de natureza teórica, é o de que o movimento *redpill* dispõe de práticas misóginas, estas sendo uma forma de violência de gênero contra as mulheres, como uma resposta ao declínio do papel do homem em sociedade, compreendendo esse homem como sinônimo de virilidade e masculinidade opressora. Mediante isto, compreendemos que as práticas misóginas advindas desse movimento se fazem como uma resposta ao avanço dos direitos das mulheres e de sua insubmissão aos ideais patriarcais vigentes, o que se apresenta por meio de movimentos sociais, como o feminismo. Outrossim, entendemos que o movimento *redpill* ilustra uma reação não somente a essa fragilização coletiva de um ideal de virilidade, mas também à própria incapacidade do homem de se equiparar ao Pai simbólico, uma representação impossível de ser alcançada na realidade.

Desta forma, a não aceitação, por parte desses grupos masculinistas, do progresso do protagonismo e emancipação da mulher, pode ser interpretada como uma negação da castração; que, por ser negada, a reafirma. A castração como sendo o limite que demarca a existência de um Outro, que para a teoria lacaniana pode ser compreendido como uma instância que vem determinar o sujeito, que molda e o define enquanto sujeito afetado (Quinet, 2012). Diante disso, compreendemos que o Outro traz notícias de um mundo para além do eu e do que reconheço como semelhante ao eu, para além do si mesmo.

Sob essa conjectura, Quinet (2012) vem apresentar uma descrição a respeito do Outro em Lacan. Esse grande Outro, que se escreve com inicial maiúscula, apresenta-se como o discurso do inconsciente e, assim sendo, um lugar, uma instância psíquica: “[...] é o alhures onde o sujeito é mais pensado do que efetivamente pensa. É a alteridade do eu consciente. É o palco que, ao dormir, se ilumina para receber os personagens e as cenas dos sonhos. É de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito” (Quinet, 2012, p. 11).

Sendo o lugar do discurso do inconsciente, o Outro não pode ser localizado no cérebro ou em qualquer outra parte biológica, pois está no campo do simbólico (Quinet, 2012). Desta forma, compreendemos que ser homem é um significante determinado pelo Outro aos sujeitos que se identificam como homem. É um conjunto de determinações simbólicas que definem e demarcam como o sujeito se apresenta em relação ao outro.

Trazendo uma descrição mais detalhada a respeito do lugar do Outro do inconsciente para o sujeito, Quinet afirma que é “[...] um lugar simbólico, lugar dos significantes, onde as cadeias significantes do sujeito se articulam determinando o que o sujeito pensa, fala, sente e age. Nada do sujeito escapa ao Outro: sua mente e seu corpo, seus movimentos e seus atos. Seus sonhos e sua vigília” (2012, p. 11).

Desta forma, podemos assumir que o ser homem é uma construção simbólica atrelada ao sujeito, que inconscientemente introjeta em sua identidade – comportamentos, pensamentos e todos os aspectos subjetivos que o constituem como tal – significantes simbólicos do Outro. Se ser homem é uma construção simbólica, está passível de mudanças. Portanto, uma vez que o padrão de virilidade atribuída ao significante homem é dissolvido conforme as transformações sócio-histórico-culturais, supõe-se que acaba por gerar um abalo identitário nos sujeitos que se identificavam com aquele significante.

Ao deparar-se com esse abalo identitário, o homem percebe a castração¹ de maneira mais contundente. A castração, como um conceito psicanalítico, se refere à castração do falo², representante simbólico da falta, daquilo que enseja uma impossível completude. Corroborando teoricamente a isso, Lacan (1971) explica que o homem se reconhece como tal a partir do momento em que o menino se da conta da menina, ou seja, de que existe um outro para além de si mesmo no mundo, e que por meio desse reconhecimento de um outro sexo, o menino é castrado:

A identificação sexual não consiste em alguém se acreditar homem ou mulher, mas em levar em conta que existem mulheres, para o menino, e existem homens, para a menina. E o importante nem é tanto o que eles experimentam, o que é uma situação real, permitam-me dizer. É que, para os homens, a menina é o falo, e é isso que os castra (Lacan, 1971, p. 33).

¹ A castração é um fato em relação ao qual não se tem muito o que fazer a não ser aceitar. Ela vem impor um limite ao desejo. Nesse sentido, a castração não é algo extraordinário e sim o esperado. Ela é uma realidade que se impõe e sua condição é a ausência do falo.

² Para a psicanálise, o falo não equivale ao órgão genital referente ao sexo masculino. O falo é um representante simbólico daquilo que, supostamente, preencheria a nossa falta enquanto seres incompletos. Nesse entendimento, assumimos que o movimento *redpill*, assim como os demais subgrupos do masculinismo, buscam manter a relação misógina de poder sobre a mulher como uma tentativa de suprir a ausência do falo.

Sendo assim, antes mesmo de identificar-se como homem ou mulher, esse marco identitário se dá no momento em que se reconhece a existência de um outro que, embora semelhante a mim, apresenta-se como diferente. Diante disso, compreendemos que, ao deparar-se com a existência de um outro diferente de si, sendo este outro a mulher, o homem tem de lidar com a existência do Outro, o qual vem mostrar que ele, enquanto sujeito, é um significante constituído por representações simbólicas. Ou seja, sem tais representações simbólicas, o sujeito não tem definição própria em si mesmo: ele é um vazio, preenchido por significantes do Outro.

Ao perceberem essa constante mudança se tornar cada vez mais real e progressiva, a violência de misoginia praticada pelo movimento *redpill* pode vir a ser compreendida como uma forma de reação ante a uma realidade que é, para estes, incapaz de ser aceita – a castração. Uma vez que o papel do homem já não é o mesmo que antigamente, podemos inferir que é estabelecido um abalo identitário sobre sua própria identidade social enquanto sujeito.

“Quando o velho Salomon diz a Peter Pan que ele é um menino e não um pássaro e que, portanto, não pode voar, Peter Pan pergunta: ‘Vou ser o quê então?’” (Quinet, 2012, p. 11). Esta passagem literária exposta pelo autor pode ilustrar, em nosso estudo, o confronto do homem com o abalo do que acreditava ser sua identidade, com a certeza de que sua existência não determina a garantia do falo. O sujeito não define e nem determina, mas sim, é definido e determinado pelo Outro (Quinet, 2012). Se o ser homem não infere em ser viril, o que é ser homem afinal? Diante de tal indagação, assumimos que as práticas misóginas de grupos masculinistas, em específico o *redpill*, podem ser interpretadas como uma tentativa de assegurar seu papel social atrelado a uma ótica patriarcal de virilidade, e por consequência, adotar medidas extremistas para tentar contornar a castração que se apresenta como real.

3.3. A VIOLÊNCIA MISÓGINA DO MOVIMENTO *REDPILL* SOB UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Quando pensamos na violência a partir do ponto de vista da psicanálise, podemos compreender as práticas misóginas, advindas do movimento *redpill*, por meio de reflexões no que se refere à castração simbólica. Conforme o exposto anteriormente, chegamos no entendimento de que o homem vivencia um abalo identitário com o advento da dissolução de

um ideal de virilidade. A castração, aqui, diz respeito a ausência do falo, que se presentifica como real a partir dessa falta experienciada em meio ao abalo identitário do homem.

Dito isto, buscaremos relacionar a violência misógina do movimento *redpill* com a teoria da pulsão de morte, compreendendo aqui a pulsão de morte como uma reação dos adeptos ao movimento *redpill* ante a castração. Sendo assim, o presente tópico objetiva discutir as práticas misóginas advindas desse movimento a partir de um repertório psicanalítico, utilizando a teoria da castração conjuntamente à teoria da pulsão de morte, a fim de estabelecer formulações que possibilitem uma compreensão do fenômeno a nível teórico.

Conforme explica Silva Júnior e Besset (2010), em seu estudo sobre a violência na sociedade contemporânea a partir de uma visão lacaniana, a violência ou agressividade pode ser identificada em todo o histórico da humanidade, de tal forma que ambas parecem estar fundamentadas no coração da civilização. Nesse sentido, de acordo com os autores, a violência se faz como uma característica histórica da humanidade, uma vez que está presente em diferentes momentos da sociedade de modo geral. Diante desse entendimento, apontam que, o que muda em relação a isso são as variadas maneiras pelas quais a violência se apresenta enquanto fenômeno, o que dependerá das ditas coordenadas discursivas, as quais são moldadas conforme cada época vigente.

Para compreender a violência na contemporaneidade, Silva Júnior e Besset (2010) partem do princípio de que as coordenadas atuais são marcadas pelo discurso capitalista e pela ciência, e que o efeito disso seria o incentivo ao gozo e seu conseqüente convite à violência. Detalhando esse pensamento, tem-se:

Na violência contemporânea parece haver algo peculiar, muito particularmente por parecer que, atualmente, ela está relacionada ao declínio de referências simbólicas e às exigências de gozo. Entendemos como referências simbólicas a forma como nosso mundo é organizado pela linguagem e por suas leis. Leis que imprimem ao humano e, por conseguinte, à sua subjetividade, obrigações e submissão a um limite que torna impossível o gozo pleno. Para a psicanálise, esse limite se denomina castração e o agente dessa castração é o pai. Nesse sentido, se sua função não é mais a mesma que a de épocas passadas, isso traz conseqüências (Silva Júnior; Besset, 2010, p. 326).

Desse modo, podemos compreender em suma, a partir do discurso dos autores, que a violência é sintomática da sociedade vigente. Em se tratando de um sintoma, ela infere um conflito entre a instância do Eu e a lei simbólica. Tal conflito remete a um declínio das referências simbólicas, as quais são operadas pela função paterna – que de modo algum é exclusiva do sexo masculino e tampouco do gênero homem – e que é responsável por imprimir as referências simbólicas da Lei ao sujeito, tendo como conseqüência, portanto, a

implementação de um limite necessário para o convívio em sociedade, o qual chamamos psicanaliticamente de castração (Silva Júnior; Besset, 2010).

A violência, portanto, se apresentaria como uma forma de romper com a Lei simbólica, de modo a buscar o gozo imediato, desprezando as possíveis consequências pessoais e sociais (Silva Júnior; Besset, 2010). Nesse sentido, partindo do entendimento de que a violência é um sintoma da sociedade vigente e que esta se apresenta como uma maneira de satisfazer o gozo imediato, desprezando a Lei e contornando a castração, podemos pensá-la como um fenômeno que se encontra no campo das pulsões, compreendendo-a como uma expressão da pulsão de morte.

Freud, em seu texto “Além do princípio do prazer” (1920), nos apresenta uma introdução teórica a respeito deste conceito, ainda que de maneira explicitamente especulativa. Conforme argumenta o autor, a pulsão de morte se configura como uma energia pulsional destrutiva. Embora tenhamos conhecimento de que haja diferentes interpretações referente à pulsão de morte, as quais vêm sendo formuladas desde a publicação do referido texto; entendemos, em suma, que a violência se faz como uma forma de sua expressão, por sua característica de energia pulsional destrutiva direcionada a um objeto de desejo do sujeito.

À priori, Freud (1920) também comenta sobre um dos princípios que regem os processos do aparelho psíquico, o qual denomina de princípio do prazer³. Desta forma, afirma que, quanto maior a tensão acumulada no psiquismo, maior o nível de desprazer, e quanto menor for esta tensão, maior será o nível de prazer. A descarga de tensão se refere a libido direcionada a algum objeto de desejo do sujeito. Estando em constante busca pelo prazer, o aparelho psíquico se manterá submetendo-se aos processos do psiquismo que possibilitem, direta ou indiretamente, a descarga completa ou parcial desta tensão. Por tensão entendemos o acúmulo da energia psíquica que impulsiona o sujeito a estar sempre em movimento, à procura de suprir seus desejos, e a essa energia presente no psiquismo damos o nome de representante da pulsão⁴.

Ainda sob essa conjectura, podemos encontrar em Munhoz (2009) um estudo que discorre sobre o conceito freudiano de representação, e que por consequência nos remete diretamente ao conceito de pulsão, de modo que a autora formula pontuações pertinentes a

³ Para Freud, o aparelho psíquico é regido por dois princípios: o princípio do prazer e o princípio da realidade. O princípio do prazer se destina a reger os processos que acontecem no aparelho psíquico à nível inconsciente, enquanto que o princípio da realidade se aplica aos processos conscientes.

⁴ O termo representante da pulsão se faz necessário, uma vez que a pulsão é reconhecida sempre por meio de seus representantes. A pulsão por si mesma é incognoscível, impossível de ser conhecida. Ela se inscreve no psiquismo por meio de seus representantes ideativos (ideias) e pelo afeto, e se expressa fora do psiquismo através do ato.

respeito destes, reconhecendo e afirmando que a pulsão tem como característica principal a sua indestrutibilidade. Tendo como característica principal a indestrutibilidade, a pulsão se faz como uma força constante que se mantém imperiosa na busca por sua expressão – ou, utilizando o termo usado por Freud, satisfação (Munhoz, 2009).

Dessa forma, introduzimos a discussão da pulsão de morte como uma forma de expressão da violência misógina do homem *redpill* – compreendendo os adeptos desse movimento como homens que não se encaixam no ideal masculino de virilidade, uma vez que este é impossível de ser alcançado completamente e, por isso, buscam se encaixar – frente à castração, a qual se apresenta como real no momento em que se dá conta da falta no Outro e, portanto, da própria falta dele enquanto sujeito.

Pontuamos que, em se tratando dos *redpills* e das diferentes variações de grupos masculinistas que compartilham de práticas misóginas, a pulsão de morte aparece como um desejo de aniquilamento da diferença, como forma de reafirmar e manter a posição de privilégio social e, assim, ter a garantia do poder e, em última instância, a garantia do falo: daquilo que supostamente preencheria a falta.

Alguns estudos psicanalíticos trazem considerações teóricas que coincidem com as do estudo aqui proposto, por discutirem sobre as transformações sociais e seus respectivos avanços em prol da mulher e a maneira com a qual isso afeta o ideal identitário do homem. A exemplo desses estudos, referenciamos Bonfim (2020) quando, em seu texto “Declínio viril e o ódio ao feminino”, articula a queda do ideal de virilidade do homem com o ódio explícito direcionado às mulheres, e que isso vem ganhando espaço nos diferentes contextos sociais na atualidade. No texto, a autora aponta que o ódio e violência contra mulheres tem um caráter histórico, o qual se instaura a partir da alteridade que as mulheres representam, uma vez que “[...] seu modo de gozo é enigmático e inapreensível, característica da modalidade de gozo não-todo referido ao falo” (Bonfim, 2020, p. 9).

Em meio a sua discussão, a autora também aponta para uma decadência do lugar do homem em sociedade, por intermédio da ocupação das mulheres aos espaços que, antes, eram-lhes inacessíveis; diante disso, afirma que o ideal de superioridade e dominação masculina perde cada vez mais sentido e legitimidade; e que a persistência de discursos de dominação masculina só comprovam a tentativa de conservar um ideal identitário decadente, um ideal obsoleto e caricato (Bonfim, 2020).

Mais ainda, compreende que a constante tentativa do homem de viver sempre sob as determinações falocêntricas que ditam seu modo de gozo no mundo, denota uma certa fragilidade corporal, sexual e moral, uma vez que o preço por nutrir esse ideal é justamente o

temor de perdê-lo, que se traduz no temor pela própria castração (Bonfim, 2020). Assim, compreende que “[...] o homem teme o desejo, os afetos e tudo aquilo que o possa levar ao descontrole encarnado pelo feminino” (Bonfim, 2020, p. 21).

Tais afirmativas aproximam-se de nossa formulação teórica, uma vez que, no presente estudo, associamos essa decadência do lugar do homem viril com seu encontro com a falta, tendo em vista que se deparam com a perda de um ideal desejado de homem. Compreendemos que o declínio da virilidade se apresenta de maneira a dissolver um ideal identitário que não possui mais lugar na sociedade. Dessa forma, analisamos esse fenômeno a partir da lógica da castração simbólica, uma vez que ela representa um limite sobre o desejo do sujeito. Assim, corrobora com nosso pensamento, também, quando pontuamos que no movimento *redpill* as práticas misóginas podem ser interpretadas como uma tentativa de aniquilamento da diferença, entendendo por diferença a própria mulher e a alteridade que ela representa.

Muszkat (2008), em seu texto “Desamparo e violência de gênero: uma formulação”, também corrobora com nosso estudo, ao trazer uma compreensão de que a identidade masculina é construída a partir de indicadores que servem como referências para delimitar a maneira como o homem deve agir em sociedade. A exemplo desses indicadores perpetuados socialmente, a autora cita a dominação do homem sobre a mulher e filhos, e ser o provedor da família.

Dessa forma, afirma que, “[...] quando depara-se com a alteração destas condições, o homem sente sua identidade ameaçada, sobrando-lhe como recurso débil e precário de resgate de identidade e de seu narcisismo, o uso da violência” (Muszkat, 2008, p. 128-129). A violência, então, aparece quando o homem se vê desamparado a nível identitário (Muszkat, 2008). Detalhando esse pensamento, a autora afirma o seguinte:

Assim, entendo que o uso da violência não se apresenta como recurso de poder, mas sim evidencia o que denominei de desamparo identitário. Defino este conceito como uma forma de funcionamento mental e social, construída a partir de ideais culturais nos quais estes homens ficam mergulhados em função da precariedade da rede de significados de que dispõem como definidores do que é masculino e feminino (Muszkat, 2008, p. 129)

Ademais, no que concerne à intenção de aniquilamento presente nas práticas misóginas dos *redpills*, Freud, no texto “As pulsões e seus destinos” (1915)⁵, traz uma construção teórica sobre as pulsões que corrobora com a discussão aqui proposta. O autor

⁵ A obra “As pulsões e seus destinos” se dá antes mesmo de Freud pontuar a existência de pulsões ditas de morte, mesmo que de maneira explicitamente introdutória, em “Além do princípio do prazer”, de 1920.

discorre sobre como é possível, sob variadas circunstâncias, que a pulsão se expresse de maneira destrutiva ao objeto de desejo do sujeito:

[...] Quando o objeto é uma fonte de sensações desprazerosas, uma tendência se esforça para aumentar a distância entre ele e o Eu, para repetir, em relação a ele [objeto], a tentativa original de fuga em face do mundo externo emissor de estímulos. Sentimos a “repulsa” do objeto, e o odiamos; esse ódio pode, depois, se intensificar a ponto de tornar-se uma propensão à agressão contra o objeto, uma intenção de aniquilá-lo (Freud, 1915, p. 57).

Essa intenção de aniquilamento que Freud coloca, pode ser associada às próprias práticas misóginas compartilhadas pelo movimento *redpill* e pelos adeptos da filosofia masculinista em geral, quando, de maneira direta e explícita, reproduzem discursos de ódio contra mulheres em fóruns, *sites*, comentários de redes sociais e em diferentes meios de comunicação nos ciberespaços. Para além disso, essa repulsa e ódio não se mantém apenas nos espaços virtuais – o que já dispõe de um grau significativo de nocividade – mas se expande aos espaços físicos, sendo capaz de atingir um nível extremo de violência.

A exemplo disso, podemos citar a recente reportagem do Fantástico (2023) que mostrou, através de uma investigação realizada pelo próprio programa, como o aplicativo *Discord* tem sido palco de um submundo de violência extrema praticada por homens jovens, majoritariamente maiores de idade, que utilizam da plataforma para violentar e humilhar meninas menores de idade. Exemplificando essa violência de caráter explicitamente misógino, a reportagem mostra uma coleção que um dos criminosos mantém em seus aparelhos de armazenamento, a qual intitula de “backup das vagabundas estupraíveis”. Na coleção, arquivos de mídia de diversas meninas violadas, tendo seus corpos expostos, chantageadas e, todas, catalogadas em pastas com seus nomes.

Diante dessa articulação organizada de violência característica desses grupos extremistas, podemos perceber que a misoginia não permanece apenas no campo do discurso de ódio *on-line*, ela é reproduzida por meio desses grupos organizados para o campo físico, e sempre compartilhando do comum repúdio e ódio à mulher. Nesse sentido, Freud (1915, p. 59), afirma que “o Eu odeia, abomina e persegue, com intenções destrutivas, todos os objetos que constituem fontes de sensações desprazerosas para ele [...]”, e acrescenta que os modelos de relação de ódio não originam-se da vida sexual, mas sim “[...] da luta do Eu pela sua conservação e sua afirmação” (Freud, 1915, p. 59).

Pelo exposto, compreendemos que as práticas misóginas do movimento *redpill* acusam, por trás do extremismo explícito e nocivo de ódio às mulheres, tentativas

desesperadas de resguardar e assegurar o ideal de homem que desejam manter; dispendo dessas práticas nocivas, as quais referem um ideal de homem viril, uma masculinidade absoluta, e que supostamente se faz como o único modelo de homem capaz de existir no mundo, como forma de reafirmar seu lugar social de dominação, e assim, tomar para si esses significantes de poder como substitutos do falo desde sempre perdido.

Aqui, vale ressaltar que o falo, caso alguém o tivesse – e ninguém o tem – seria encontrado apenas em um ser mítico, que Freud, em seu texto “Totem e Tabu” (1912-1913), compreende como a figura do pai totêmico, um ser também simbólico, um mito, uma representação de um ideal que não existe na realidade.

Concluimos, portanto, que a pulsão de morte está associada às práticas misóginas do referido movimento como um desejo de aniquilamento da diferença, que se dá como uma expressão dessa violência do homem mediante seu encontro com a castração, a qual representa um acontecimento que vem marcar uma mudança subjetiva. Nesse sentido, a castração vem simbolizar a incompletude ao deparar-se com o Outro, o qual traz notícias de sua própria falta e, portanto, da ausência do falo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi apresentado, pontuamos que as práticas misóginas advindas do movimento *redpill* se fazem como uma liberação da pulsão de morte, que se expressa no ódio ao feminino, configurando um desejo de aniquilamento da mulher. Esse ódio se expressa para fora do psiquismo através de práticas misóginas, quando o homem se depara com a dissolução do seu lugar na sociedade. Isso traz notícias da ausência do falo, representante da falta e, logo, da castração, que se impõe como uma realidade da qual ninguém escapa. Nesse sentido, é importante ressaltar que, mesmo quando o patriarcado se estruturava de maneira mais consistente no imaginário da cultura, o falo faltava, compreendendo que o falo só opera enquanto ausente.

Dessa forma, diante da dissolução do ideal de homem viril, o seu papel social enquanto aquele que supostamente nada falta, precisa ser mantido; uma vez que, sem esse ideal de masculinidade, a identidade do homem parece ser dissolvida, haja vista que, conforme discutimos anteriormente, ser homem está estritamente relacionado à performar virilidade, como uma demonstração, e uma tentativa de autoafirmação do Eu, de que se têm o poder em detrimento e sobre a mulher.

Essa castração é movida pelo encontro com o Outro, que faz o homem se dar conta da própria falta, de que sua existência não garante o falo, e que, inclusive, a adoção de medidas extremistas para substituí-lo apenas demarca a fragilidade e vulnerabilidade que permeia esse ideal de homem. Em outras palavras, a castração traz como condição a ausência do falo. Assim, as práticas misóginas do movimento *redpill* surgem como uma reação ante a castração que se apresenta como real, dispondo de práticas misóginas de dominação e poder contra as mulheres na tentativa de contornar a falta.

Diante disso, a pesquisa então alcança os objetivos específicos, ao descrever as principais características e crenças do movimento *redpill*, e apresentar uma perspectiva psicanalítica da violência misógina a partir desse movimento. Para tal, construímos nossas formulações por meio das teorias da castração e pulsão de morte, as quais tiveram suas argumentações desenvolvidas nos tópicos anteriores. Com isso, conseguimos alcançar o objetivo geral de compreender a misoginia evidenciada a partir do movimento *redpill* sob a perspectiva psicanalítica.

A nível de limitações, a pesquisa precisou ser realizada de modo a desenvolver um estudo teórico sobre o movimento referido e seus atravessamentos misóginos, de modo que a

ideia inicial era a de investigar as motivações que levam os adeptos desse movimento a adotarem tal posicionamento de ódio e aversão às mulheres. Todavia, isso não foi possível de ser realizado, tendo em vista fatores desafiadores como a provável dificuldade para acessar os adeptos desse movimento, uma vez que se configuram como grupos reativos e dispõem de uma significativa rigidez, e o curto espaço de tempo que teríamos disponível para tal realização. Mediante esses fatores, foi necessário delimitar a pesquisa para um estudo de caráter teórico, comprometendo-nos em apresentar uma perspectiva psicanalítica do fenômeno e, por meio disso, levantar possíveis considerações teóricas a respeito deste.

Ademais, a pesquisa dispõe de um caráter bastante pertinente quando consideramos que a violência contra a mulher ainda se apresenta em um nível expressivo. Exemplificando tal informação, pontuamos novamente que, no Brasil, acontecem cerca de 822 mil estupros por ano, sendo este número o equivalente a dois estupros por minuto, os quais são cometidos, majoritariamente, contra meninas menores de idade (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023). Esse número significativamente elevado nos alerta sobre a nocividade da misoginia, e nos faz questionar a respeito dos caminhos que a propagação dessa misoginia pode tomar no país. No mais, ressaltamos a importância da psicanálise no que se refere a sua contribuição social e clínica para o entendimento desse fenômeno que se apresenta como nocivo à preservação do bem-estar da mulher e de outras minorias não heteronormativas.

5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana Carolina. **Lola Aronovich: a machosfera usa tecnologia para perpetuar a misoginia**. Disponível em:

<https://projetocolabora.com.br/ods5/lola-aronovich-machosfera-quer-perpetuar-a-misoginia/>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

ANDERSON, Bonnie S. Prólogo. *In*: BOSCH, Esperanza; FERRER, Victoria; GILI, Margarita. **Historia de la misoginia**. Barcelona: Anthropos, 1999.

ARONOVICH, Lola. A trajetória e resistência do Escreva Lola Escreva. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, p. e86981, 2022.

ARONOVICH, Lola. **Cinco verdades incômodas por trás do movimento dos direitos dos homens**. Escreva Lola Escreva, 18 jun. 2014. Disponível em: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2014/06/cinco-verdades-incomodas-por-tras-do.html>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BATISTA, Tamna do Nascimento. **Interfaces entre gênero e psicanálise: masculinidades, sofrimento psíquico e violência**. Brasília, 2022 Trabalho de Conclusão de Curso (Programa de Iniciação Científica) - Centro Universitário de Brasília. Disponível em: <https://doi.org/10.5102/pic.n0.2021.8884>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BONFIM, Flavia Gaze. Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 13, p. 09–24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/35256>. Acesso em: 5 dez. 2023.

BOSCH, Esperanza; FERRER, Victoria; GILI, Margarita. **Historia de la misoginia**. Barcelona: Anthropos, 1999.

BRAGA, Nathalia Brunet Cartaxo. **A semiótica psicanalítica dos celibatários involuntários**. São Paulo, 2021 Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23933>. Acesso em: 11 jun. 2023.

ELIA, Luciano. Psicanálise: clínica & pesquisa. *In*: **Clínica e Pesquisa em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

FANTÁSTICO. Rede sem lei: no Discord, criminosos violentam e humilham meninas menores de idade. **Fantástico**, [s.l.], 25 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/06/25/rede-sem-lei-no-discord-criminosos-violentam-e-humilham-meninas-menores-de-idade.ghtml>. Acesso em: 05 de dez. de 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (org.). **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4. ed., 2023. 50 p. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-4a-edicao/. Acesso em: 17 abr. 2023.

FLOR, Tainá De Oliveira *et al.*. **Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências**. Anais do VI CONAPESC... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76913>. Acesso em: 8 de junho de 2023.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos (1915). *In: Obras Incompletas de Sigmund Freud*. [edição bilíngue]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1912-1913). *In: Obras Completas* (Vol. 11). [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIL, Antonio Carlos. Como Classificar as Pesquisas? *In: Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Brasil). **Brasil tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto**. Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasil, 2 de mar. de 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13541-brasil-tem-cerca-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-dois-por-minuto>. Acesso em: 5 de dez. de 2023.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 18: De um discurso que não fosse semblante** (1971). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MATRIX. Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros, 1999. Mídia em plataforma de *streaming*.

MUNHOZ, Josênia Maria Heck. O que representa representação?. **Revista brasileira de psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 77-85, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 dez. 2023.

MUSZKAT, Susana. Desamparo e violência de gênero: uma formulação. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 125-132, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200023&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 dez. 2023.

PALUDO, Leticia. Red pill: narrativa falaciosa de masculinistas incita violência contra a mulher, alerta pesquisadora. **Gzh**. [s.l.], 06 mar. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2023/03/red-pill-narrativa-falaciosa-de-masculinistas-incita-violencia-contra-a-mulher-alerta-pesquisadora-clexdf4mk00dl017lasqxuifu.html>. Acesso em: 07 dez. 2023.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos pagu**, p. 115-136, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhKL/?format=pdf>. Acesso em: 05 dez. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SERAFINI, Mariana. **Como os red pills espalham ódio contra as mulheres nas redes sociais**. CartaCapital, [s.l.], 16 mar. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/coaches-de-misoginia/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e. **Masculinismo: misoginia e redes de ódio no contexto da radicalização política no Brasil**. 2023. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: http://biblioteca.pucminas.br/teses/CienciasSociais_BrunaCamiloDeSouzaLimaESilva_30430_Textocompleto.pdf. Acesso em: 07 dez. 2023.

SILVA JÚNIOR, J. N.; BESSET, V. L.. Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 323–336, maio 2010.

TOMAZ, Kleber. Alunos suspeitos de criar 'rodeio das gordas' são ouvidos na Unesp. **G1**. São Paulo, 09 nov. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2010/11/alunos-suspeitos-de-criar-rodeio-das-gordas-sao-ouvidos-na-unesp.html>. Acesso em: 07 dez. 2023.